

# O sr. António Sérgio falou...

«O Diabo», sempre desejoso de animar o marasmado ambiente intelectual, iniciou no n.º 279, de 27 de Janeiro, uma série de entrevistas, destinadas a arquivar opiniões que abram debates e a aproximar o homem do povo dos intelectuais e dos artistas. Aplaudimos a iniciativa d'«O Diabo», convencidos como estamos de tôdas as suas vantagens, entre as quais sobreleva a de ajudar a esclarecer. Com uma boa série de entrevistas, poderemos ficar a conhecer melhor determinados intelectuais, sobre quem ainda não estamos completamente elucidados.

O primeiro entrevistado foi o Sr. António Sérgio. Depois de falar largamente de si, mais largamente do que a sua apregoada modéstia fazia esperar, o autor dos «Ensaio» e conhecido «abundantista» declarou:

«A atitude do intelectual perante a guerra, afigura-se-me dever ser, sobretudo a de estudar as reformas sociais que poderiam evitá-la para o futuro. Aqui, suponho que se deve ir de dentro para fora e não de fora para dentro. Por outras palavras: as modificações deverão ser, não na simples orgânica da política externa dos vários Estados, mas na estrutura interna, económico-social, de cada nação.

Nesse ponto seria erro, conjecturo eu, quererem povos como o inglês e o francês imitar quaisquer coisas das já feitas, ou tentar a instauração de um regime que, introduzindo a planificação económica e terminando com a exploração e a especulação, não buscassem, ao mesmo tempo, o máximo possível de liberdade, o máximo respeito pela pessoa humana.

Porque a planificação desejável é a planificação para a liberdade, obtida pela vigilância dos governados. Não se trata de escolher entre tudo e nada—entre uma planificação, rígida, por uma banda, e, por outra banda, uma economia de mercado perfeitamente casual e automática—mas de combinar a planificação socialista com o regime do preço e do mercado, começando por aceitar a complexidade das coisas.

De maneira que, para realizarmos obra séria, não nos deveríamos entregar às concepções simplistas, mas embrenhar-nos na economia política e estudar os problemas concretos da economia do nosso tempo, determinando como é que o preço e os seus correlativos—a moeda e o mercado—podem ser adaptados a uma economia planificada. Mas este é outro assunto que exigiria um volume inteiro, ou, pelo menos, duas dúzias de entrevistas como esta de hoje.»

Destas declarações concluímos:

1.º—Que o Sr. A. S. preconiza modificações, «não na simples orgânica política, mas na estrutura interna, económico-social de cada nação»;

2.º—Que considera erro procurarem os povos inglês e francês a instauração de um regime que, «introduzindo a planificação económica e terminando com a exploração e a especulação, não busque ao mesmo tempo o máximo possível de liberdade, o máximo respeito pela pessoa humana»;

3.º—Que «não se trata de escolher entre tudo e nada—entre uma planificação, rígida, por uma banda, e, por outra banda, uma economia de mercado perfeitamente casual e automática—mas de combinar a planificação socialista com o regime do preço e do mercado, começando por aceitar a complexidade das coisas»;

4.º—Que, em vez de nos entregarmos a concepções simplistas, devemos «embrenhar-nos na economia política e estudar os problemas concretos da economia do nosso tempo, determinando como é que o preço e os seus correlativos—a moeda e o mercado—podem ser adaptados a uma economia planificada».

Estas conclusões pressupõem: escamoteação do problema da técnica; desejo da permanência de mitos «privados» nos meios de produção; escamoteação da desarmonia de classes; falsificação do conceito de liberdade.

Estas conclusões traduzem: demagogia reformista e fra-seologia cooperatista.

sol nascente

# pequena antologia

Todos fomos atacados pela solidão, com maior ou menor violência, conforme eramos fortes ou fracos. Atacá-nos, quando nos encontramos sózinhos, quando não compreendemos ainda a vida, quando não vemos o lugar que nos foi destinado. Parece-nos que somos solitários no mundo e que ninguém se importa conosco, a não ser para nos devorar. Mais tarde, quando vires que há também boas almas noutros peitos além do teu, consolar-te-ás... e envergonhar-te-ás de ter acreditado que só tu davas a nota afinada, e de teres querido trepar ao campanário sendo o teu sino tão pequeno, que ninguém o ouve na bimbalhada dos dias de festa. Perceberás então que és uma voz apenas perceptível, mas necessária, no côro poderoso e magnífico da verdade.

Na boa harmonia, cada um cantará a sua canção, e como regatos, tôdas as canções se reunirão num único rio, que vai avançando, magestoso e grave, para o mar onde brilham os clarões da vida pujante.

Como querias que se fizesse o pão com o trigo que não foi semeado?

Desenvolve-se na vida um coração novo. Os corações estão todos despedaçados pela diversidade dos interesses, roídos pela cega avareza, mordidos pela inveja, cobertos de chagas e feridas purulentas... de mentira, de covardia. Os homens são uns doentes que têm medo de viver... perdidos como num nevoeiro... conhecendo apenas a sua própria dor.

Mas eis que aparece um homem que ilumina a vida com o fogo da razão e grita: «Eh! pobres insectos perdidos! Chegou o tempo de compreender que tendes todos os mesmos interesses e o mesmo direito à vida e ao desenvolvimento». O homem que clama está isolado, sente-se triste e tem frio sozinho. E à sua chamada todos os corações se reúnem, formando um coração imenso, forte, sensível como um sino de prata.

GORKI

## CANCION DE JINETE

Cordoba.  
Lejana y sola

Jaca negra, luna grande,  
y aceitunas en mi alforja.  
Aunque sepa los caminos  
yo nunca llegaré a Cordoba.  
Por el llano, por el viento,  
jaca negra, luna roja.  
La muerte me está mirando  
desde las torres de Córdoba.

Ay, qué camino tan largo!  
Ay mi jaca valerosa!  
Ay, que la muerte me espera  
antes de llegar a Córdoba!

Cordoba.  
Lejana y sola.

FEDERICO GARCIA LORCA

tcês